

## CHARGE E HUMOR: EIS A QUESTÃO

Tamiris Machado Gonçalves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Tendo em vista a complexidade da construção de seu discurso e a decorrente formação dos sentidos, a charge é um gênero que se configura como um interessante objeto de estudo. Nesse contexto, este artigo visa a analisar o funcionamento de duas charges, observando relações dialógicas instauradas entre discursos, bem como o entrecruzamento de vozes e os efeitos gerados para a produção de sentidos. Como embasamento teórico, recorre-se às ideias postuladas por Bakhtin e seu Círculo, especialmente os conceitos de dialogismo e valoração. Levando-se em consideração a importância social do gênero charge no que diz respeito à sua característica crítica, espera-se que, a partir da reflexão proposta, seja possível perceber a mobilização dos discursos sociais evocados nos enunciados do gênero charge a fim de compreender como acontece a construção dialógica dos sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Charge. Tensionamento de vozes. Teoria bakhtiniana.

**ABSTRACT:** Considering the complexity of the construction of his discourse and the resulting formation of the senses, the cartoon is a genre that is configured as an interesting object of study. In this context, this article aims to analyze the functioning of two cartoons, observing dialogical relationships established between discourses, as well as the interlocking of voices and the effects generated for the production of meanings. As a theoretical basis, one uses the ideas postulated by Bakhtin and his Circle, especially the concepts of dialogism and valuation. Taking into account the social importance of the genre charge with respect to its critical characteristic, it is hoped that, from the proposed reflection, it will be possible to perceive the mobilization of the social discourses evoked in the statements of the genre charge in order to understand how the dialogical construction of the senses takes place.

**KEYWORDS:** cartoon, voices in tension, Bakhtinian theory

### Introdução

Geralmente por estar vinculada ao humor, muitas polêmicas rondam a charge. Muitos leitores não aceitam que certos temas sejam abordados nesse gênero e, assim sendo, tendem a culpar os chargistas por suas obras; as mídias por veiculá-las; as pessoas por as replicarem ou as compartilharem em suas redes sociais. A pergunta que fica frente a esse contexto é: a charge é propriamente um gênero humorístico?

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS –, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista CNPq/Fundación Carolina. E-mail: [mtamiris@gmail.com](mailto:mtamiris@gmail.com).

Sendo um discurso como outro qualquer, a charge tanto está em diálogo com discursos anteriores que a motivaram, ao mesmo tempo que projeta discursos a partir de seus elementos – quando se está entendendo-a desde uma perspectiva bakhtiniana, tal qual a escolhida para nortear o ponto de vista exposto neste artigo. Dessa maneira, é possível dizer que a charge apresenta, em relação à produção e à recepção, duas linhas de tensão: aquela que carrega todas as vozes que mobilizaram o projeto de dizer do chargista; e todas aquelas que circunscrevem o olhar de cada sujeito leitor. Isso porque o chargista delineou seu projeto enunciativo de modo a *dizer x* a partir da organização dos elementos verbo-visuais com os quais edificou a charge. O leitor, por sua vez, significa esses elementos da maneira *x, y* ou *z* a depender das vozes sociais com as quais ele relaciona os elementos da charge – o que, inclusive, pode distanciá-lo, e muito, do projeto do chargista<sup>2</sup>.

Meio a toda essa arquitetura que envolve a produção e a compreensão dos sentidos da charge, é oportuno questionar se a definição popular de charge como um gênero humorístico já não delimita mais ou menos o que é ou não digno de ser objeto de humor? De outra forma: entender a charge como humorística pode, de antemão, orientar o olhar do leitor?

Ocorre que, para discorrer sobre essas questões, primeiro de tudo, é preciso pensar se o humor é o fundamento da charge. Nesses termos, este artigo visa a problematizar a relação entre charge e humor. Para tanto, a partir de um aporte discursivo, baseado nos pressupostos bakhtinianos, são analisadas duas charges veiculadas na mídia brasileira, que tiveram uma repercussão polêmica, justamente por estarem sendo relacionadas a humor.

Quanto à organização deste artigo, ademais destas palavras iniciais, apresenta-se uma seção que discorre sobre as noções bakhtinianas de *dialogismo* e *valoração*, bem como aborda o gênero charge. Em seguida, são apresentadas as duas charges que constituem o material de análise para a problematização em questão. Depois, apresentam-se as considerações finais que dão o acabamento necessário para que outros interlocutores possam dialogar com as conclusões aqui tecidas.

---

<sup>2</sup> Como mostrado por Gonçalves (2015).

### A charge à luz da teoria bakhtiniana

O chamado Círculo de Bakhtin é um grupo interdisciplinar de intelectuais que se reuniu, segundo Brait (2015), na Rússia entre 1920 e 1970. Dentre os muitos assuntos por eles pensados, a linguagem assume uma proporção que os coloca como partícipes da história da Linguística, sobretudo no que tange ao entendimento da linguagem em uso, relacionada à sociedade da qual emerge em diferentes interações interpessoais, edificadas nos mais variados contextos de comunicação.

Nesses termos, para o Círculo, a linguagem nasce intimamente relacionada às demandas sociais, por isso ela é entendida como um fenômeno social, que se nutre das interações humanas em diferentes esferas de atuação. Na publicação *¿Qué es ellenguaje?*, ao abordar as características da linguagem entendida como o material criativo do escritor, Bakhtin/Voloshinov ([1929-1930], 1993, p. 218) menciona que as particularidades que compõem o universo linguístico estão marcadas por uma multiplicidade de leis que orientam os usos estabelecidos socialmente; há significados mais ou menos modelados a partir dos usos que a sociedade manifesta em seu intercâmbio comunicacional. Assim, o traço constitutivo da linguagem é social.

A partir desse entendimento, os postulados do Círculo de Bakhtin edificam-se em torno de dois grandes eixos: o dialogismo e a valoração. Dialogismo é o traço de inter-relação que perpassa todo discurso, porque, na perspectiva bakhtiniana, não existe o falar inédito que rompeu o silêncio do universo; na história da humanidade não é possível mapear o discurso primeiro. O que há são muitos discursos sociais com os quais as interações vão se construindo.

A noção de *dialogismo* está pautada na noção de *diálogo*, entendida em sentido amplo, isto é, como as muitas formas de comunicação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2009, p. 127). Os discursos nascem de situações concretas – porque reais, oriundas de sujeitos históricos – de interação social. Nesses termos, o dialogismo dá-se na relação interpessoal e também interdiscursiva. Os variados intercâmbios comunicativos é que alimentam a dinâmica da língua, vista como algo vivo, originado dos usos e neles atualizado constantemente, construindo novos arranjos, que tanto podem passar a incluir significações partilhadas socialmente como podem compor sentidos contextuais, relevantes para aqueles parceiros da comunicação discursiva.

Nessa perspectiva, nos intercâmbios comunicativos, há um movimento dialógico que aponta para frente e para trás. Para trás porque todo discurso responde a dizeres

anteriores, e para frente porque todo discurso projeta dizeres a partir de si. Assim sendo, a roda dos diálogos é permanente e ininterrupta. Daí a menção – em muitas obras – dessa corrente de pensamento de que “todo enunciado é uma gota no rio da comunicação discursiva”.

Já a valoração é a apreciação dos sujeitos, é a carga de valores que colore os discursos sociais. Essa valoração é própria de certos grupos sociais, de certos períodos históricos, de pontos de vista, de modos de compreender o mundo. Dessa maneira, o Círculo de Bakhtin postula que a linguagem é um fenômeno social, oriunda de sujeitos localizados em um tempo e um espaço definidos, que deixam entrever juízos de valor em suas produções languageiras. Assim, os discursos são atravessados por uma série de vozes sociais que veiculam índices de valor – sempre em tensão porque expressam movimentos plurais de concordância, discordância, crítica, afirmação, ruptura com os dizeres aos quais estão relacionados.

A noção de valoração está vinculada à afirmativa de que o discurso não é neutro e, portanto, tudo o que significa (palavras, imagens, gestos) é carregado por valores sociais, constituídos axiologicamente no horizonte social de um grupo organizado no curso do espaço e do tempo. Acento de valor ou apreciativo diz-se dos juízos de valor, dos julgamentos que a linguagem concentra em sua constituição. É, pois, na vida concreta, nas enunciações alheias, no tensionamento das vozes sociais que se constitui e se nutre a linguagem, sempre carregada valorativamente – ou ideologicamente, para usar termos bakhtinianos.

Bakhtin sublinha que toda a atividade humana está ligada ao uso da linguagem. Sendo assim, todo o emprego desses usos dá-se por meio de enunciados (discursos<sup>3</sup>) – orais e escritos, concretos e únicos – produzidos pelos integrantes de determinado campo da atividade humana: há uma relação orgânica entre linguagem e atividade humana. Assim, em cada período e em cada comunidade social, há um conjunto de formas de discurso na comunicação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV ([1929] 2009, p. 44).

Desse entendimento advém a noção de *gêneros discursivos*, que são tipos relativamente estáveis de enunciados, edificados nos mais variados campos de atuação (BAKHTIN [1979] 2011, p. 262). Isso significa dizer que cada discurso constitui-se em torno de três elementos, a saber, conteúdo temático, estilo e construção composicional, indissolúvelmente ligados ao todo do enunciado e “determinados pela especificidade de

---

<sup>3</sup> Em muitas traduções, discurso e enunciado se equivalem.

um campo da comunicação” ([1979] 2016, p. 12). Sempre atravessado por um acento apreciativo; sem isso não há comunicação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2009, p. 137).

Nesses termos, entende-se que cada contexto de uso da língua vai organizando seus modos de dizer em construções mais ou menos estáveis. Essa adjetivação é importante porque, como o Círculo de Bakhtin entende a linguagem em uma perspectiva dinâmica, a estabilidade do gênero é o que permite que se identifique que determinado discurso é, por exemplo, uma charge e não uma crônica. Ocorre que o emprego do advérbio *relativamente* merece ser sublinhado em razão de que os modos de dizer estão em constante mudança porque a sociedade está em constante mudança: os gêneros acompanham essa dinâmica.

A investigação dos fenômenos linguísticos, na perspectiva do Círculo, está em conformidade com a historicidade dos fatos quando observada a partir de suas relações com a língua, sob um viés sociológico que permite analisá-la a partir dos enunciados concretos que a realizam. Tudo porque é por meio de enunciados concretos que a vida entra na língua e que se edificam as relações discursivas entre sujeitos socialmente organizados. Justamente dessa dinâmica surgem as valorações, os tons apreciativos que cobrem os modos de dizer e perpassam tudo o que é usado para produzir sentido.

Os gêneros, pois, fazem parte do sistema cultural, “nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 282). Nessa perspectiva, eles são mais que forma, são construções comunicativas com as quais o sujeito interage desde sempre. São composições dinâmicas vinculadas às atividades sociais em que o sujeito está inserido. Os gêneros do discurso são um padrão sociodiscursivo com funções específicas de comunicação dentro de determinada esfera, ou seja, no âmbito de um campo discursivo que está ligado às práticas sociais que nele se desenvolvem. À semelhança da maneira como se vai apreendendo a língua materna, os gêneros também vão sendo incorporados aos usos discursivos.

A partir da noção de gênero, então, compreende-se que o “enunciado é pleno de totalidades dialógicas” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 298), ou seja, que o discurso está repleto de outros discursos oriundos de processos de interação a que todo sujeito é submetido – considere-se toda cultura que circunscreve o ser. Os processos de interação requerem uma *atitude responsiva*, o que tem a ver com *dialogismo*: é esperado que o interlocutor responda ao que está sendo proposto na interação discursiva. Uma atitude

de compreensão ativa e responsiva é esperada do sujeito de modo que, no momento da interação – de maneira presente ou presumida, isto é, no diálogo ao vivo ou naquele que acontece entre o texto e o leitor ou, ainda, baseado no discurso alheio anterior ou projetado, por exemplo – aconteça o movimento dialógico e tenso de concordar, discordar, lamentar, questionar. Compreender uma enunciação demanda estar orientado em relação a ela no sentido de descobrir sua atuação no contexto em que figura e, assim, atribuir-lhe uma contrapalavra (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV ([1929] 2009, p. 137).

Na teoria bakhtiniana, um traço essencial do enunciado é o seu *direcionamento a alguém, o seu endereçamento* (BAKHTIN [1979] 2011, p. 301). A intenção do falante passa pela escolha do gênero que se adapta à situação discursiva do contexto real de uso da língua, desenhando o gênero, dentro dos limites de sua construção composicional, a partir da definição de elementos que completam sua construção como: a quem se destina o gênero? Quais seus propósitos comunicativos? Qual o estilo requerido pela situação? Quais outros discursos estão em diálogo?

Na seção que segue, são abordados aspectos relativos especificamente ao gênero charge jornalística.

### **O gênero discursivo charge**

A ilustração, de modo geral, há muito acompanha a imprensa. Antes da fotografia, o desenho era a única forma de acrescentar material visual a um texto, por exemplo. Segundo Rabaça e Barbosa (2001), a caricatura como gênero é o conceito amplo para definir uma forma de arte, que tem como finalidade o humor, manifestado através do desenho, pintura, escultura.

Na caricatura enquanto linguagem gráfica encontra-se a charge, o cartum, o desenho de humor e a caricatura, em sentido restrito, que se refere a obras que representam a fisionomia humana com características grotescas ou humorísticas. Em suma, a caricatura pode ser compreendida como tendo duas acepções: a) tipo de traço que pode ser usado em charges, tirinhas, cartuns e quadrinhos, e b) representação exagerada de pessoas ou situações.

É importante centrar por um momento na distinção de cada uma das formas de manifestação caricatural mencionadas. Essas informações são baseadas nas acepções

apresentadas no *Dicionário de comunicação*, de Rabaça e Barbosa (2001). Vejam-se brevemente esses conceitos, para manter o foco do trabalho que é a charge.

O cartum, de acordo com esses autores, é uma crítica humorística dos comportamentos humanos. De caráter atemporal, o cartum é universal, não está ligado a nenhuma situação específica, a uma época ou a uma personalidade. Já o desenho de humor mantém a natureza humorística através do traço do desenhista. A caricatura, em sentido particular, por sua vez, é a exacerbação de características de determinada pessoa; é um retrato caricatural. Cada uma dessas formas de arte tem um propósito enunciativo, um autor que as assina e um interlocutor a quem se refere.

A charge é uma subdivisão da caricatura enquanto gênero artístico, enquanto linguagem gráfica que se constitui como potencialidade de caracterizar, sublinhar a fisionomia, registrar gestos e comportamentos. Assim, na definição apresentada, a caricatura vê-se ampliada da visão de sua origem como traço, retrato ridículo, satírico, exagerado e diferente surgido na Itália na era do Renascimento. Para Miani (2012, p.40), [...] a charge pode conter a caricatura (melhor dizendo, retrato caricato) como um de seus traços [...] e tomar para si todas as nuances e os efeitos de sentido que esse traço condensou ao longo do tempo.

Em seu livro intitulado *História da caricatura no Brasil*, Lima (1963, p. 07) apresenta, a partir das vozes de diferentes autores, que a caricatura nem sempre é dotada de um caráter cômico, argumentando que seus antecedentes estão nas “[...] fantasias imaginativas dos antigos *grottesche*, nos líricos conceitos de monstros romanescos e nas deformações científicas de Leonardo da Vinci [...]”. O autor explica que, a partir do século XVII, o termo caricatura foi adquirindo proximidade com os tons de brincadeira e sátira, por meio da publicação de trabalhos de caricaturistas da época.

No século XVIII, foi observado que o conceito de caricatura aproximava-se cada vez mais do cômico, mas deixava, sobretudo, claro sua função caracterizadora, compondo-se como um meio para chegar a fins políticos e morais, mas também com um fim em si mesmo, como obra artística com potencial para caracterizar, de modo a, metafórica e metonimicamente denunciar, opinar, expressar valores diversos.

Assim, a linguagem gráfica caricatural carrega traços da caricatura surgida na França devido às polêmicas do reinado de Luís XVI e de Maria Antonieta (ibidem, p. 05). Lima pontua, ainda, que esse teor de sátira elevou a caricatura ao estatuto de arma da imprensa e, segundo ele, por seu caráter universal, no sentido de ser de fácil acesso, a

“caricatura não fez mais do que acrescer sua alta significação como arte autêntica, não só na análise de costumes políticos e sociais, como na fixação de elementos subsidiários da História e da Sociologia”.

Nessa perspectiva, o autor (1963, p. 06) diz que a caricatura é divulgadora de acontecimentos contemporâneos, de modo que a própria História se obriga, muitas vezes, a “[...] recorrer a uma expressão do grotesco intencional numa *charge* do passado, para a exata compreensão dos homens e das coisas do seu tempo, dando-se-lhe, assim, o mesmo apreço que a um palimpsesto [...]”. Também ressalta, por meio de muitos exemplos de charges e caricaturas veiculadas em diferentes países, a capacidade desse gênero de dialogar com discursos passados e projetar discursos futuros, como foi o caso das charges de David Low que denunciavam o perigo que representava a ascensão de Hitler ao poder (LOW, apud LIMA, 1963, p.14). Para argumentar sua posição, o autor apresenta uma citação que convida a pensar dizendo: a missão do cartunista “é alguma coisa de mais alto e decisivo do que refletir aspectos ridículos ou obter assombrosas semelhanças fisionômicas com a maior graça e simplificação possíveis” (LIMA, 1963, p.14).

A charge pode contemplar uma série de recursos gráficos para construir o seu projeto enunciativo de crítica, a caricatura é apenas um deles. Dessa maneira, a história da caricatura e da charge aparece aproximada ou, até mesmo, confundida pela difícil distinção entre caricatura como gênero (que inclui a charge e outras perspectivas de desenho) e a caricatura em sentido restrito (retrato individual com fim em si). Outra questão que contribui para a mescla dos termos é que muitos autores os utilizam como equivalentes, enquanto outros acreditam que a charge está contida como um subgênero do gênero maior, que seria a caricatura. Fica-se com essa última percepção.

Geralmente veiculada em jornais, a charge também pode ser publicada em revistas ou sites; em alguns jornais ela toma a posição de um editorial devido a seu caráter expressivo, pois seu tema pode exprimir a opinião da empresa a qual está vinculada, sem a necessidade de efeito de objetividade ou imparcialidade.

Fonseca, em seu livro *Caricatura: a imagem gráfica do humor*, traça um percurso histórico para mostrar que, ao longo do tempo, a caricatura sempre esteve presente na sociedade, desde a pré-história. No Brasil, surgiu como um gênero relativamente estável por meio de protesto contra as autoridades da época, a corte portuguesa (FONSECA, 1999, p.56). Foi no século XIX, porém, que a charge difundiu-

se por meio de opositores e críticos políticos que viram nela uma forma original de expressão. Depois disso, a representação gráfica tornou-se popular e se difundiu ao longo dos tempos, delineando um projeto de discurso que tem a crítica como efeito de sentido instaurado.

Quanto à sua estrutura, a charge é uma ilustração geralmente apresentada em um único quadro. Pode-se constituir de elementos verbais e não verbais ou se constituir como um texto verbo-visual que combina as duas linguagens. Os tópicos a que faz referência podem ser variados, política, esportes, celebridades, acontecimentos naturais como catástrofes etc. O mais importante é que ela está sempre em diálogo com assuntos que lhe são contemporâneos.

Definida por muitos dicionários como representação pictórica, de caráter humorístico, burlesco, sarcástico, a charge aparece, geralmente, em jornais e pode ser entendida como um gênero de opinião. No âmbito jornalístico, segundo Melo (1975), há o jornalismo informativo, que dá conta de noticiar os acontecimentos e há também o jornalismo opinativo, que contempla a reflexão sobre os acontecimentos noticiados. No primeiro, segundo o autor, estariam os gêneros reportagem, nota, notícia e entrevista. No segundo, resenha, coluna, editorial, comentário, artigo, caricatura, carta, crônica.<sup>4</sup>

Nas palavras de Rabaça e Barbosa (2001), o objetivo da charge é a crítica humorística imediata de fatos ou acontecimentos específicos. Como um gênero de opinião, a charge é produzida na relação com discursos já-ditos no cotidiano. Sempre em relação com outros discursos é que se edifica o sentido desse gênero. Sendo assim, se não forem conhecidos os assuntos que a charge suscita, não será compreendido o projeto enunciativo do autor. Além disso, corre-se o risco de ter diferentes interpretações daquelas que os elementos da charge nos direcionam.

De modo a contribuir com a reflexão das análises, é importante apresentar a acepção da palavra charge registrada em dicionários, afinal, a descrição que o dicionário faz é, muitas vezes, aquela que faz parte do senso comum. Os dicionários on-line Aulete, *Priberame* impresso Houaiss (2001, p. 693) apresentam respectivamente, para o termo charge, as seguintes definições:

Desenho caricatural com ou sem legenda, publicado em jornal, revista ou afim, que se refere diretamente a um fato atual ou a uma personalidade pública (geralmente ligada à política) e os satiriza ou critica ironicamente

---

<sup>4</sup> Essa, a meu ver, é uma classificação com fins teóricos, pois se sabe que nos gêneros estão imbricados efeitos de sentido que se pretendem informativos ou opinativos, mas, por meio da observação dos usos da linguagem, pode-se observar que esses efeitos mesclam-se e a organização do discurso como um todo já nega a possibilidade de neutralidade, impedindo uma categorização estanque.

[Cf. *cartum*] [F.: do francês *charger* 'ação vigorosa contra alguém, carga, ataque', *decharger* 'carregar' e este do latim vulgar *carricare*, *decarrus* 'carro, carroça'].

Francês charge, carga. Ilustração ou caricatura de caráter humorístico.

Desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, geralmente veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas; caricatura, *cartum*. Etimologia francesa *charge* (sXII) p.ext., 'o que exagera o caráter de alguém ou de algo para torna-lo ridículo, representação exagerada e burlesca, caricatura', regr. *decharger* 'carregar'.

Nessas apresentações, percebe-se a inclinação crítica desse tipo de texto, bem como sua ligação com os discursos que circulam na sociedade. Nas palavras de Romualdo (2000, p. 21-22), a charge é "um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal". Para o autor, a caricatura como traço está imbricada na charge porque muitas vezes o autor usa como recurso de produção de sentido o elemento caricatural.

Diante dessas definições, cabem alguns questionamentos: será que sempre a charge pode ser entendida como uma proposta humorística? Será que o humor é sempre um traço característico da charge? Será que as definições de charge como desenho humorístico não direcionam o entendimento do gênero charge já delimitando seu sentido? Será que a palavra humor presente em sua definição não desvirtua a crítica que se estabelece no projeto enunciativo da charge?

A partir dos pressupostos da teoria bakhtiniana, é possível dizer que uma das ideias centrais que se coloca neste trabalho é a de que a charge é um discurso que veicula sentidos, ideologias, assim como qualquer outro discurso, embora ela tenha suas particularidades. Sendo assim, requer um conjunto de conhecimentos para que se construa o sentido da enunciação como um todo. Dentro desse requisito está a necessidade de conhecer as características do gênero em questão para movimentar conhecimentos básicos e específicos para o seu entendimento, haja vista que se compreenda que a charge, para ter o efeito de sentido desejado, conta com a condição necessária de que o leitor conheça o discurso com o qual ela dialoga.

A charge é um gênero discursivo que se constitui a partir dos acontecimentos políticos, sociais que sejam contemporâneos a ela. Dessa forma, na natureza da charge estão presentes discursos, os quais a originaram e com os quais ela dialoga tensamente por meio da crítica – no sentido de que a charge é sempre a apreciação/valoração de um

tema por um locutor, conforme Gonçalves (2015). Para que se compreendam os sentidos da charge, é necessário, pois, identificar as diferentes vozes que se entrecruzam no discurso chágico e, a partir disso, entender quais os efeitos desse encontro de vozes.

Além disso, para compreender os sentidos em circulação na charge, faz-se necessário entender a construção composicional desse gênero. É importante conhecer o gênero charge para saber ler o que sua composição apresenta e, assim, atingir uma leitura crítica, como aponta Cirne (1972, p. 12-15). Segundo o autor, “interessa uma leitura estrutural que nos encaminhe para a leitura criativa capaz de identificar seu processo e sua ideologia. A verdade é que não se pode ler uma história quadrinizada como se lê um romance”. Talvez por isso muitas vezes o teor crítico da charge não é percebido, porque falta uma instrumentalização para essa prática leitora.

### **Charge: sentidos em construção**

Nesta seção serão tecidas reflexões acerca de duas charges: uma de Chico Caruso e outra que surgiu como resposta ao trabalho do charginista. Além disso, serão colocados em tensão alguns discursos veiculados pela mídia brasileira em razão da polêmica que envolveu a charge de Caruso.

Intitulada *Entreouvido no saloon (7)*, a charge de Chico Caruso, publicada em 20 de janeiro de 2016 na Capa do jornal *O Globo* (Fig. 1), teve uma série de contrapalavras relacionadas a seu conteúdo. Conforme é possível notar na Figura 2, na charge, vê-se um cowboy que entra em um salão em que se encontram alguns políticos brasileiros, entre eles é possível, por meio dos traços caricaturais, identificar Dilma Rousseff, Lula, Temer e Fernando Henrique. Todos parecem esconder-se. Na parte inferior da charge, há duas entradas de discurso direto. Em uma delas, o locutor faz uma pergunta: “E esse aí, é mocinho ou bandido?”. Na outra o interlocutor responde: “Pior: é advogado!”

Figura 1: Jornal *O Globo*



Fonte: [http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=2&ordenacaoData=relevancia&allword\\_s=entrouvido+no+saloon&anyword=&noword=&exactword=&primeirapagina=on](http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=2&ordenacaoData=relevancia&allword_s=entrouvido+no+saloon&anyword=&noword=&exactword=&primeirapagina=on)

Figura 2: Charge de Caruso



Fonte: Jornal *O Globo*

Segundo a Folha de São Paulo, “o desenho foi publicado dias depois da divulgação de um manifesto em que advogados e juristas criticavam métodos adotados pela Operação Lava Jato”. Isso porque o contexto da charge à época de sua edificação eram justamente os desdobramentos da Operação Lava Jato, uma das maiores investigações de corrupção da história do Brasil. Inclusive o próprio título da charge – *Entreouvido no saloon (7)* – marca uma série de charges relacionadas à

operação. Durante um período, a cada dia, as charges desse conjunto repetem o título, com mudança apenas na numeração. Uma a uma seguem: *Entreouvido no saloon*, *Entreouvido no saloon (1)*, *Entreouvido no saloon (2)* e assim por diante.

Focando mais no diálogo social e menos no contexto motivador da charge, em razão da curta extensão do artigo, passa-se à apresentação dos discursos que surgiram como resposta à charge. A *Folha de São Paulo*, por exemplo, menciona em uma publicação que o chargista foi processado. Segundo o jornal: “Ele fez um cartum que ofende a toda uma classe. O cartunista chama os advogados de bandidos”, disse Anderson Borges, autor de uma das ações judiciais”. Ainda de acordo com o periódico, por outro lado, Ascânio Seleme afirmou que “*O Globo* defende intransigentemente a liberdade de imprensa e de expressão”. O diretor de Redação reiterou que “Lamentamos uma ação como essa, não só contra a liberdade de imprensa, mas contra o **humor**”. É oportuno sublinhar que a fala do representante do *O Globo* relaciona charge e humor.

O próprio *O Globo* apresentou também matéria em que comenta que “Por causa da charge *Entreouvido no saloon (7)*, publicada na primeira página do Globo (...) o cartunista Chico Caruso e o jornal se tornaram alvos de três processos movidos no Juizado Especial Cível de Nova Friburgo, na região serrana fluminense”. A publicação apresenta, ademais, um depoimento de Caruso, que informa: “A charge não diz que os advogados são mocinhos ou bandidos. São piores, porque a gente não sabe quem eles são, o que eles estão representando. Nem eles sabem”.

Note-se que o chargista quer explicar o projeto de dizer da charge, demarcando, assim, quais deveriam ser os tons avaliativos lidos nos elementos verbais e visuais que compõem a obra. A partir do discurso de Caruso, o leitor pode, é claro, confrontar toda a enunciação e os fatos sociais, a fim de verificar se a valoração com a qual o chargista diz cobrir a charge procede ou não frente ao diálogo com os fatos sociais que motivaram a charge – somados aos juízos de valor próprios das obras de Caruso e da linha discursiva do Jornal em que a charge foi publicada. O intuito desse movimento nunca é atribuir ares de verdade a uma ou outra parte, mas ver quais sentidos são coerentes em relação aos elementos do discurso e ao contexto social do qual esse discurso emerge.

Ainda em relação à publicação do *Globo*, há também outros depoimentos que advogam em prol de Caruso. Ricardo Pedreira, diretor da Associação Nacional dos Jornais argumenta: “Esses advogados, além de não terem senso de **humor**, parecem não conhecer os preceitos constitucionais da liberdade de expressão e de imprensa”. Além

disso, há declaração do cartunista Jaguar, para quem: “A pendenga entre cartunistas e advogados é algo superado por ambas as partes, menos por esses advogados, que não sabem lidar com o **humor**”. Há, ademais, uma fala de Ziraldo e outra de Laerte. Para o primeiro, “(...) existe **piada** com advogados no mundo todo, e o que não falta é anedota esculhambando advogado (...)”. Na perspectiva de Laerte, “**humor** não é uma linguagem que está acima da crítica ou fora do alcance de ações”, embora acrescente que, no caso dessa charge, não vê campo para uma ação, “mesmo que eu não concorde com ela”.

Em outro viés argumentativo, o *Jornal GNN*, além de discorrer sobre a polêmica, apresenta uma charge que surgiu em resposta à de Caruso. Segundo o *site*, a própria OAB teria divulgado a charge que se vê na Figura 3.

**Figura 3:** Charge divulgada como resposta à charge de Caruso



— Os advogados brasileiros lutaram muito para garantir o direito de defesa e a liberdade. Inclusive a de se dizer tolices.

OABRJ

Fonte: <http://jornalggn.com.br/noticia/oab-responde-critica-do-o-globo-com-charge>

É interessante notar que a charge edificada em resposta recupera elementos verbo-visuais que sublinham o diálogo entre os discursos. Na Figura 3, pode-se ver que o cowboy aparece, mas em plano inferior à personificação do ícone da justiça. Aparece também o mesmo desenho de porta (como aquelas de bares de cenário de faroeste) e o traço mais marcante é a entrada de discurso direto que diz: “Os advogados brasileiros lutam muito para garantir o direito de defesa e a liberdade. Inclusive a de se dizer tolices”.

A partir do dialogismo existente entre os dois discursos, é possível afirmar que o travessão marca a abertura do diálogo com o interlocutor Caruso, a julgar por todos os

fatos sociais que envolvem o surgimento da charge. A constituição do discurso em sistema coordenado, com a ruptura do ponto final, topicaliza o advérbio *inclusive* – no enunciado “inclusive a de se dizer tolices” –, marcando o tom avaliativo do interlocutor da charge.

Pelos fatos sociais que edificaram a veiculação da charge, pode-se dizer que ela está atravessada por uma diversidade de vozes que a) defendem os advogados; b) valoram a charge de Caruso como tola (“... dizer tolices”), c) os advogados lutam (“muito”) por causas universais, tais como o direito à liberdade e direito de defesa e d) sem advogados não há justiça. Todas essas valorações atravessam a charge publicada pela OAB porque essa charge assume e expressa os valores circundantes na espera de atuação dos advogados. Os juízos de valor que a charge expõe são próprios desse campo de atuação, desse horizonte social específico.

O *Jornal GNN* reforça seu tom discursivo, sua própria valoração em relação à polêmica, ao também publicar uma declaração dos advogados do Rio de Janeiro, que diz:

O Sindicato dos Advogados repudia o tom de **deboche** e quase linchamento para com os advogados contido na charge da 1ª página de O Globo de 20/01/2016. O pretense tom **humorístico** da charge expõe, na verdade, uma visão antidemocrática e autoritária do jornal para com o fundamental exercício da profissão de advogado. A impressão que o jornal nos dá é que, com o desenho, busca uma vingança contra o manifesto de dezenas de advogados, recentemente divulgado, em que é criticado, como o próprio manifesto diz, “o regime de supressão episódica de direitos e garantias na operação Lava jato”. (...) *O Globo* parece desconhecer o artigo 133 da Constituição Federal, que diz: “O advogado é indispensável à administração da justiça, sendo inviolável por seus atos e manifestações no exercício da profissão, nos limites da lei”. Utilizando um pouco a mensagem da própria charge, em seu trabalho, o advogado não é nem o mocinho e nem o bandido – é algo muito maior: é o defensor da legalidade e do estado de direito em nosso país, como reza a própria Constituição (GNN, <http://jornalggn.com.br/noticia/oab-responde-critica-do-o-globo-com-charge>; grifo nosso).

Depois de todo o exposto, o que fica explícito é o entendimento de charge como um gênero discursivo humorístico (volte e observe todos os grifos nos depoimentos). Essa definição, como mostrado no referencial teórico, e como se pôde ser nos discursos em foco, é ratificada por dicionários gerais, dicionários específicos da área da comunicação, por chargistas, por cartunistas e pela mídia em geral. O fato de questionar essa situação não é uma preocupação taxonômica sobre qual seria a forma de se referir à

charge, sobre qual a nomenclatura usar. Essa problematização visa a focalizar que o fato de entender a charge como um gênero discursivo de humor delinea a compreensão que se tem dela.

Nesse contexto, surgem perguntas como: a) teria o discurso suscitado a mesma polêmica caso fosse uma coluna de opinião, uma matéria ou reportagem? Estariam em tensão as mesmas vozes sociais caso não estivesse em jogo um “desenho” entendido no mais das vezes como humorístico? O tom das críticas que atravessam a charge de Caruso seriam projetadas da mesma maneira caso não se tratasse de um gênero em que o humor é, via de regra, esperado?

Para todas as questões entendo que a resposta seja positiva porque parece que o traço mais saliente da charge – popularmente falando – seja o humor. Essa atmosfera humorística parece contaminar todas as outras apreciações que por ventura atravessem os elementos verbais e visuais da charge. Assim sendo, reitero as questões anteriormente apresentadas: será que sempre a charge pode ser entendida como uma proposta humorística? Será que o humor é sempre um traço característico da charge? Será que as definições de charge como desenho humorístico não direcionam o entendimento do gênero charge já delimitando seu sentido? Será que a palavra humor presente em sua definição não desvirtua a crítica que se estabelece no projeto enunciativo da charge?

Para mim, quando se focaliza o gênero charge, o importante é compreender que, em sua natureza estão presentes discursos, os quais a originaram e com os quais ela dialoga tensamente a fim de que seja possível compreender ativamente a apreciação/valoração de um tema por um locutor, conforme Gonçalves (2015). Isso porque a charge é uma apreciação, uma avaliação de um sujeito sobre o mundo. Para que se compreendam os sentidos da charge, é necessário, pois, identificar as diferentes vozes que se entrecruzam no discurso chágico e, a partir disso, entender quais os efeitos desse encontro de vozes.

Na busca pelo entendimento da charge, é necessário perseguir uma leitura crítica, visando a contemplar tanto os elementos verbais quando os imagéticos, relacionando os arranjos linguísticos aos visuais; e ambos aos discursos nela tramados e por ela projetados. Tudo em relação com o contexto social do qual a charge emerge.

Ocorre que, dentro daquilo que se fala na charge, ou seja, dentro de seu tema, pode haver diferentes estratégias enunciativas que desencadeiam diferentes efeitos de

sentido como humor, ironia, protesto. Sendo a charge associada apenas ao efeito de humor, esse fato pode conduzir a leituras afastadas daquela que seus elementos verbais projetam meio à tensão com o contexto social com o qual ela dialoga. Esse fato pode fazer o leitor não apreender suas possíveis leituras porque não identifica as vozes sociais que atravessam o discurso da charge – sejam as que a constituem, sejam as vozes históricas que marcam a própria edificação do gênero, isto é, aquelas que fazem com que o leitor entenda que determinado discurso se trata de uma charge.

Toda a reflexão que se fez neste artigo em torno dos sentidos veiculados na charge não se destina a apontar verdades, mas a entender os mecanismos sociais de produção de sentidos. Trata-se de entender como a cadeia de discursos em permanente diálogo é capaz de articular-se para construir certos sentidos e não outros. Trata-se, ainda, de problematizar que os discursos podem ter várias interpretações, mas não todas, pois é necessário que haja coerência entre os elementos que o compõem e as vozes sociais às quais eles estão atrelados.

Trata-se, por fim, de um ponto de vista que faz sentido pra mim, meio a tudo que leio, meio às teorias que me são interessantes. Para mim, a charge não pode ser apenas entendida como um gênero humorístico, é mais oportuno que seja percebida como uma gênero crítico que promove diferentes efeitos de sentido. O humor é apenas um deles. E você, o que acha?

### **Considerações finais**

Frente à complexidade da construção dos sentidos, entende-se que a charge é um gênero discursivo que se configura como um interessante objeto de estudo. Nesse contexto, este artigo analisou o funcionamento de duas charges, observando relações dialógicas instauradas entre discursos, bem como o entrecruzamento de vozes e os efeitos gerados para a produção de sentidos.

Como embasamento teórico, recorreu-se aos postulados do Círculo de Bakhtin, especialmente aos conceitos de *dialogismo* e *valoração*. A breve apresentação desses conceitos deu-se com a finalidade de problematizar as charges que serviram de material de análise para discorrer sobre a temática: charges *versus* humor.

Levando-se em consideração a importância social do gênero charge no que diz respeito à sua característica crítica, espera-se que, a partir da reflexão proposta, seja possível perceber a mobilização dos discursos sociais evocados nos enunciados do

gênero charge a fim de compreender como acontece a construção dialógica dos sentidos.

## Referências

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso (1952-1953). In: \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, M/VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Trad. Michel Laud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAJTÍN, M/VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? (1929-1930). In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigoski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

\_\_\_\_\_. La construcción de la enunciación (1929-1930). In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigoski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

BRAIT, B. *Bakhtin e o Círculo*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CARUSO, Chico. Charge. In: *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1767111-advogados-processam-chico-caruso-por-charge-em-o-globo.shtml>>. Acesso em abril de 2017.

CHARGE. In: Dicionário Aulete-Caldas da Língua Portuguesa [2014] Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/charge>>. Acesso em abril 2017.

\_\_\_\_\_. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [2008-2013]. Disponível em <<http://www.priberam.pt/DLPO/charge>>. Acesso em abril 2017.

GONÇALVES, T. M. Vozes sociais em confronto: sentidos polêmicos construídos discursivamente na produção e recepção de charges. *Dissertação de mestrado*. Disponível em <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7160/1/000466609-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em maio 2017.

GLOBO, O. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/chico-caruso-processado-por-advogados-por-causa-de-charge-19206244>>. Acesso em abril 2017.

FONSECA, J. da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

HOUAISS, A. *Charge*. In: Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, H. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963.

MELO, M. J. *Jornalismo opinativo*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MIANI, R. A. (2010). Iconografia na imprensa alternativa do Brasil no final do século XX: a presença da caricatura no jornal “Brasil Agora”. In: *Revista Patrimônio e Memória*. Assis, 6 (1), 54-79.

\_\_\_\_\_. Charge: uma prática discursiva e ideológica. In: *9ªArte*. 1(1), 37-48. São Paulo, (2012, jan./jun.).

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.